

A Antiguidade Tardia balizada por aspectos políticos e institucionais

Enviado em:

26/05/2012

Aprovado em:

12/06/2012

Janira Feliciano Pohlmann^{1*}

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná, na linha Cultura e Poder.
janirapo@yahoo.com.br

FRIGHETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012, 226p.

107

Renan Frighetto doutorou-se em História Antiga pela Universidade de Salamanca em 1996 e, desde então, integra o quadro de professores da Universidade Federal do Paraná atuando na área de História Antiga com ênfase, especialmente, na Antiguidade Tardia. Esse é um período da história repleto de transformações que, devido aos esforços de muitos historiadores, inclusive brasileiros, tem passado a ser compreendido dentro de suas ricas particularidades e tem se afastado da noção de ser uma singela ponte entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média.

O autor dispôs de seus amplos conhecimentos em história e de sua experiência em sala de aula para elaborar um texto capaz de preencher uma lacuna na historiografia brasileira, definindo, balizando e apresentando a Antiguidade Tardia. Tal obra, em certa medida, serve como um manual para o estudo desse período histórico, pois, além de trazer ao leitor uma imensa gama de ações e personagens, nos oferece uma escrita simples e concisa a respeito de cinco séculos da história romano-bárbara.

O título da introdução da obra, *A Definição de Antiguidade Tardia: espaço e tempo*, já destaca o principal objetivo do autor: demarcar, sob o seu ponto de vista, o lapso espaço-temporal do período tardo antigo. Atento aos perigos recorrentes

1 * Bolsista REUNI. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED-UFPR).

da fixação de limites que estabelecem categorias historiográficas, Frighetto afirma que “sem referencial cronológico a História perde muito de sua essência” (FRIGHETTO, 2012: 20). Por isso, nesse capítulo, o autor expõe uma Antiguidade Tardia que se inicia na época de Marco de Aurélio, no século II d.C., e finda-se com Carlos Magno, no século VIII d.C. Quanto aos espaços, estes são cuidadosamente explorados ao longo de toda a obra, inclusive por meio do uso de mapas – um recurso didático que deveria ser melhor aproveitado pelos historiadores.

No primeiro capítulo, *Os antecedentes: o principado e os primeiros sinais de crise político-institucional no Mundo Romano*, Frighetto questiona se o Principado, no século II, foi um período de ouro ou um tempo de crise. Para tanto, apresenta ao leitor as tendências de regionalização que conviviam com políticas de centralizações em torno do príncipe já no século II, período normalmente considerado “calmo” pela historiografia em comparação à “grande crise” do século III. As constantes ameaças ao poder do príncipe acarretaram diversas reestruturações para manter a legitimidade do governante. Uma das medidas de reestruturação tomada por Marco Aurélio foi escolher como seu sucessor o seu filho Lúcio Aurélio Cômodo. Assim, o tradicional processo de adoção, emblemático do Principado, começou a perder espaço para a sucessão hereditária, característica da Antiguidade Tardia.

108

Os problemas de ordem política e institucional, advindos do século II, ganharam outras dimensões no século seguinte, e a fragmentação do poder político imperial romano tornou-se mais evidente. Todavia, apesar das cidades deixarem de ser importantes centros de decisões políticas, para benefício das *villae*, elas permaneceram como centros da administração imperial. Eram, portanto, importantes núcleos urbanos. Todas essas considerações são verificadas no capítulo 2, intitulado *A crise do sistema polis/civitas, a regionalização e a fragmentação do poder político imperial no século III*.

Tais exposições apontam para a necessidade de reformulações em torno da figura imperial para que essa continuasse a ser acolhida em meio à vastidão do Império Romano e perante as distintas forças concorrentes. Essas reelaborações são analisadas no capítulo 3, sob o título *A Renouatio Imperii: diarquia, tetrarquia e a nova configuração do Império Romano Tardio*. Neste capítulo há sucintos, mas destacáveis exames a respeito de imperadores ainda pouco estudados na historiografia brasileira, como Joviano, Valentiniano I e Graciano.

No capítulo 4, *Da barbárie à civilização: os bárbaros e a sua integração no mundo imperial romano (séculos IV – VIII)*, o autor atesta a presença constante dos diversos grupos bárbaros no seio da sociedade romana. Todavia, ressalta que a integração desses grupos aos ambientes políticos, sociais e culturais romanos foi mais marcante e concreta durante a Antiguidade Tardia. Frighetto também verifica movimentos de aproximações e distanciamentos entre bárbaros e

romanos e observa que, de maneira paulatina, entre os séculos IV e V, os grupos bárbaros constituíram alianças com aristocracias regionais até o momento em que conseguiram estabelecer distintos reinos romano-bárbaros na parte ocidental do Império Romano. As pesquisas do autor abordam releituras, adaptações e ações necessárias para a passagem do poder do imperador ao poder do rei. Nas últimas análises desse capítulo, Frighetto delimita o fim da Antiguidade Tardia com a coroação imperial de Carlos Magno, em Roma, no ano 800.

Por fim, o autor traz suas conclusões parciais sob o título de *A Antiguidade Tardia como uma nova Antiguidade sob o ponto de vista político institucional*. Nesse capítulo, o autor ressalta as abundantes mudanças políticas e as reformulações institucionais que transformaram o príncipe dos séculos I e II no imperador dos séculos subsequentes. Uma imagem imperial que inspirou e provocou grupos bárbaros a seguirem determinados princípios imperiais para formar os reinos romano-bárbaros. Inspiração, mas, também, readaptação, atenção!

Ao lançar mão de mapas, tabelas, tábua cronológica, glossário e de uma linguagem acessível, Frighetto convida mais e mais leitores a compreenderem a Antiguidade Tardia dentro de suas particularidades. Conflitos e glórias próprios de uma época em transformação, não “causados pela Antiguidade Clássica” e “determinantes da Idade Média”. Longe do binômio causa-consequência, o período tardio antigo teve personagens característicos dos quais se demandavam ações compatíveis com aquele cenário. Deste modo, a obra de Frighetto preenche uma expectativa dos leitores sedentos por conhecer esta *nova história*, construída a partir de sujeitos específicos imersos em seu contexto.